

A *Signum: Estudos da Linguagem* iniciou sua trajetória no ano de 1998 como periódico criado e mantido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina. Com a separação das áreas de Literatura e Linguística, em 2001, a revista também se tornou autônoma e durante 24 anos ininterruptos e 49 números tem sido um espaço por excelência onde transitam correntes diversas do pensamento na área da Linguagem. Assim, com o volume 25, número 1, a *Signum* completa um quarto de século de uma existência profícua, tendo iniciado como veículo anual, tornando-se depois revista semestral e agora quadrimestral.

Em comemoração ao 50º número desta revista, o Corpo Editorial, acatando a sugestão do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, referendou a publicação de um número em homenagem à dialetóloga e sociolinguista Carlota da Silveira Ferreira, professora aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de pesquisadora com relevante produção intelectual nas áreas da Dialectologia e da Sociolinguística das quais é uma das pioneiras.

Completo seu mestrado na Universidade Federal da Bahia, em 1979.

Nascida na cidade de Estância, Sergipe, mudou-se muito cedo para Salvador com os pais e irmãos, sem, no entanto, romper os laços com Sergipe, onde continuou/continua a morar grande parte da família materna.

Sua fidelidade ao estado natal encontra-se, certamente, no desejo de realizar o Atlas Linguístico de Sergipe, projeto que iniciou em 1963, época das primeiras sondagens. Em 1964, levou estudantes da 4ª. série do Curso de Letras para novas sondagens, tendo realizado, com o grupo de professores de Letras da UFBA, os inquéritos definitivos em 1967 e 1968.

Professora da UFBA desde 1961, teve uma produtiva vida acadêmica, atuando não só na docência, mas também na pesquisa, cujo espaço dividiu com as colegas Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Vera Rollemberg, Judith Freitas, Dinah Callou, Nadja Andrade e Rosa Virgínia Mattos e Silva, entre outras.

No campo da pesquisa, colaborou ativamente para a realização dos projetos:

1. Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), coordenado por Nelson Rossi e publicado em 1963. Trata-se do primeiro atlas estadual e marco inicial dos estudos geolinguísticos do português falado no Brasil. Nesse projeto, Carlota atuou nas várias etapas do processo, desde a coleta de dados em oito dos 50 pontos investigados até a confecção artesanal de suas cartas.

2. Atlas Linguístico de Sergipe (ALS). A homenageada foi uma das organizadoras da obra, destacando-se como pesquisadora de campo e realizando entrevistas em nove dos 15 pontos da rede do projeto.

3. Estudo da Norma Linguística Urbana Culta em Salvador (Projeto NURC) – projeto interinstitucional, implantado em 1970 em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Nesse projeto, Ferreira dedicou-se à Análise da Conversação, refletindo sobre léxico urbano, aspectos fonéticos e marcadores conversacionais.

Em suma, Carlota Ferreira deixou sua marca em estudos lexicais, fonéticos e morfossintáticos do português rural e dedicou-se a estudos linguístico-antropológicos mais abrangentes e descritivos da Dialectologia no Brasil. Além disso, no campo da Análise da Conversação, tratou dos marcadores conversacionais e da influência do fator etário na escolha do léxico urbano.

Assim, este número da *Signum*, composto por trabalhos de pesquisadores que conhecem e reconhecem o importante papel da estudiosa no campo da Linguística, representa uma singela homenagem da equipe do *Atlas Linguístico do Brasil* para quem foi um dos pilares da Dialectologia e da Geolinguística em terras brasileiras.

Deste modo, o número um do vigésimo quinto volume, que está sobre a égide da Dialetologia e da Sociolinguística, seguindo os caminhos de nossa homenageada, contempla temas dos estudos de variação e conta com artigos de seis estados brasileiros (Bahia, Pará, Maranhão, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), evidenciando o alcance e o prestígio da homenageada.

O primeiro texto intitulado *Bahia e Sergipe: um contínuo linguístico que perdura no tempo*, assinado pela conterrâneas de Carlota, Jacyra Andrade Mota e Josane Moreira de Oliveira, apresenta um estudo com dados lexicais, comparando os registros do *Atlas prévio dos falares baianos* - APFB (ROSSI, 1963), do *Atlas lingüístico de Sergipe* - ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) e do *Atlas linguístico do Brasil* - ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014) em busca de um contínuo lexical, em evidência ao proposto por Nascentes (1953), a delimitação do subfalar baiano. Para este artigo, as autoras discutiram os dados de cartas do ALS e de cartas correspondentes do APFB, além de considerarem as respostas para quatro questões do ALiB. O estudo faz uma reflexão sobre as características do subfalar baiano e ratifica a proposição de Nascentes de um contínuo linguístico Bahia – Sergipe que perdura no tempo.

O segundo artigo desta edição intitula-se *Voltando a Helvécia, indo à Amazônia: eu foi, ele foi?*, das pesquisadoras paraenses Marilúcia de Oliveira Cravo, Celiane Sousa Costa, Ana Paula Tavares Magno e Flávia Helena da Silva Paz, discute a concordância verbal em dados coletados em Helvécia, comunidade afro-brasileira do Sul da Bahia, com base nos registros de Ferreira (1994) e Lucchesi (2009), e em registros de duas outras comunidades afro-brasileiras do Baixo Amazonas Paraense, a partir dos dados de Costa (2019). Como resultados, as autoras demonstram que variantes encontradas na comunidade baiana, na década de 60, são registradas nas comunidades amazônicas, em 2016, concluindo que o uso desta variedade destaca uma possível redução do paradigma verbal do português brasileiro e, segundo as autoras, “estaria relacionado a uma alteração ligada ao nível fonético, característica da norma popular”.

Em *A formação de plural em itens nominais na fala de maranhenses e de sergipanos com base em dados geolinguísticos*, terceiro artigo desta edição, os pesquisadores maranhenses Cibelle Corrêa Béliche Alves, Conceição de Maria de Araujo Ramos e José de Ribamar Mendes Bezerra discorrem sobre a variação na formação do plural, com base nos pressupostos da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística, investigando o fenômeno da concordância nominal na fala dos informantes maranhenses e de sergipanos do *Atlas Linguístico do Maranhão* (ALiMA) e do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), respectivamente. Como resultados, os autores sinalizam para a tendência à variação na formação do plural para os itens em estudo e, segundo suas palavras, condicionada, em grande medida, “por fatores de ordem diatrática em itens nominais do português brasileiro (PB)”.

O quarto artigo intitulado *A variação da concordância verbal na fala dos norte-paranaenses* é assinado pelas pesquisadoras paranaenses Jacqueline Ortelan Maia Botassini e Laura Bellanda Galuch e aborda a concordância verbal que, segundo as autoras, pode ocorrer motivada por fatores que vão além do linguístico. O artigo, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, examinou a variação da concordância verbal na fala de norte-paranaenses, tendo em vista os possíveis condicionadores – fatores extralinguísticos como sexo, faixa etária e grau de escolaridade, e os fatores linguísticos grau de saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo, concluindo que este último e os fatores extralinguísticos sexo e escolaridade foram favorecedores para a concordância verbal.

Vanderci de Andrade Aguilera e Fabiane Cristina Altino, autoras paranaenses que assinam o quinto artigo desta edição, *Aspectos lexicais da fala rural em dados geolinguísticos coletados na Bahia, em Sergipe e no Paraná*, discutem os dados geolinguísticos relativos à nomeação dos dentes caninos e molares, coletados em duas amostras: uma formada pelas variantes do interior da Bahia, de Sergipe e do Paraná, registradas nos atlas linguísticos estaduais e a segunda, pelas variantes coletadas junto aos informantes que compõem o banco de dados do *Atlas Linguístico do Brasil* - ALiB. As autoras compararam os dados rurais registrados nos atlas regionais aos coletados na área urbana pelo ALiB e registram, como resultados, os acervos lexicais quanto à (des)semelhança, à distância cronológica que separa os *corpora* estudados e ao meio – rural ou urbano, de onde provêm os dados.

*As descobertas lexicais acerca de rotatória na região nordestina*, das paranaenses Mariana Spagnolo Martins, Josyelle Bonfante Curti e Dayse de Souza Lourenço Simões, compõe o sexto artigo da revista. As autoras analisam os dados coletados a partir das respostas dadas à Questão 198, nos pontos da rede do Projeto Atlas Linguístico do Brasil referentes à Região Nordeste. Elas concluem que as variantes para o conceito de rotatória/rótula, do campo semântico “Vida Urbana”, do Questionário Semântico-Lexical, registradas entre os informantes nordestinos, refletem o polimorfismo do termo e, segundo as autoras, “as possíveis descobertas acerca da predominância de uma forma sobre as outras na área analisada”.

O sétimo artigo, *Fraseologismos e tabus linguísticos nas denominações para diabo no Nordeste brasileiro*, das autoras baianas Geisa Borges da Costa e Marcela Moura Torres Paim, investigam as unidades fraseológicas e os tabus linguísticos registrados no repertório linguístico dos nordestinos para nomear o item lexical *diabo*, oriundos do banco de dados do Projeto ALiB, coletados em Alagoas, Pernambuco e Maranhão. A análise teve como base teórico-metodológica a Geolinguística Pluridimensional e revelou a presença de fraseologismos e de tabus linguísticos permeados pelas crenças religiosas dos falantes.

O artigo *Proposta de construção do dicionário terminológico da piscicultura na Amazônia*, oitavo desta edição e de autoria dos paraenses Josué Leonardo Santos de Souza Lisboa e Alcides Fernandes de Lima, propõe a construção do dicionário terminológico da piscicultura na Amazônia - PiscíTerm a partir de entrevistas com os trabalhadores da área, dados coletados em gêneros textuais escritos e dados disponíveis em vídeos do YouTube. Para alcançar esse objetivo, os autores contam com o auxílio de programas computacionais. O artigo revisita as etapas e o alcance do dicionário terminológico.

Os autores Orlando da Silva Azevedo, amazonense, e Felício Wessling Margotti, catarinense, assinam o nono artigo *Um estudo geolinguístico da variável lexical prostituta em Manaus* em que se discute as variantes lexicais registradas para a designação do referente prostituta no falar manauara. Com suporte teórico da Dialectologia Pluridimensional, foram analisados os dados coletados na cidade de Manaus, Amazonas, e os resultados mostraram que a variável lexical prostituta apresenta muitas variantes lexicais, demonstrando o polimorfismo do termo.

*A variação na redução do ditongo au do latim ao português* é o décimo artigo, das autoras Leici Landherr Moreira e Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa, que estudam a variação do fenômeno de redução do ditongo primário desde o latim ao português. Com o aporte teórico da Sociolinguística Histórica, as autoras buscaram uma explicação na diacronia para o fenômeno de redução do ditongo *au*. Os resultados, pensando na motivação sócio-histórica, apontam, segundo as autoras, “para uma fala menos cuidada, enquanto indício da condição social do falante/escrevente”.

Estes artigos reunidos demonstram a vitalidade da área dos estudos de variação e o prestígio de nossa homenageada que trilhou os primeiros caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística brasileiras. Agradecemos a contribuição da pesquisadora para a área e os autores que dividiram conosco suas experiências.

Boa leitura!

Os organizadores.